



A NOVA DINÂMICA FAMILIAR E OS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO

THE NEW DYNAMICS OF FAMILY AND ITS EDUCATIONAL REPERCUSSIONS

Vanessa Raquel de Almeida Meira

Resumo

Este artigo objetiva evidenciar a importância do contato entre a criança e a família. A criança chega à escola levando toda a “bagagem” de casa: as noções e visão de mundo apresentadas pela família. Através da revisão bibliográfica, este estudo examinará a mudança na dinâmica familiar moderna e as implicações no fazer pedagógico e na aprendizagem, bem como identificar as causas dessas mudanças discutindo as consequências e influências no trabalho do professor em sala de aula, questionando a quebra da estrutura familiar tida como ideal pela sociedade. Com base nesta pesquisa, é possível concluir que há uma necessidade constante de ajustes, tanto na parceria entre a escola e a família quanto no fazer pedagógico dos profissionais de educação.

Palavras-chave: Sociedade. Família. Educação.

Abstract

This article aims to highlight the importance of contact between the child and the family. The child arrives at school taking all the "baggage" of home: the notions and worldview presented by the family. Through literature review, this study will examine the changes in modern family dynamics and the pedagogical implications, and identify the causes of these changes, evaluating the consequences and influences on the teacher's work in the classroom. Based on this research, it concludes that there is a constant need for adjustments in both the school/family partnership and the professionals of education.

Keywords: Society. Family. Education.

Considerações Iniciais

É um fenômeno notório o surgimento de novas configurações familiares na sociedade brasileira.¹ Apesar de, historicamente, a família nem sempre ter a configuração

¹ IBGE. *Censo demográfico de 2010*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010435610212012563616217748.pdf>>. Acesso em 12 jan 2015. Para uma análise mais profunda desse tema, ver SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2011.

nuclear tradicional, formada por pai, mãe e filhos, alguns especialistas da área infanto-juvenil relacionam a quebra do padrão familiar às mudanças ocorridas no comportamento de muitas crianças. A família é a unidade básica de desenvolvimento individual.² Segundo Buscaglia, o papel da família é “oferecer um campo de treinamento seguro, onde as crianças possam aprender a ser mais humanas”.³

Esses conceitos refletem a grande importância que a família tem, e a cada geração isso se reforça, pois é a primeira célula social da qual fazemos parte e que será responsável por nossa formação individual e social. No entanto, torna-se cada vez mais difícil definir um modelo familiar uniforme, havendo a necessidade de adaptá-la às transformações sociais.⁴

Os membros de famílias contemporâneas tem se deparado e adaptado às novas formas de coexistência oriundas das mudanças nas sociedades, isto é, do conflito entre os valores antigos e o estabelecimento de novas relações, como pai e filho(a); mãe e filho(a); filho(a) e madrasta; filho(a) e padrasto; filhos de pais diferentes; filhos vivendo com irmãos que não são de sangue; filhos (as) de pais homossexuais; filhos(as) que vivem com parentes; entre outras configurações familiares.

Toda essa quebra da estrutura familiar tida como ideal pela própria sociedade altera a forma como as crianças veem o mundo e lida com ele. Para o professor, é de extrema importância reconhecer o elo que une sua atividade às famílias, compreendendo as mudanças que vem ocorrendo nos padrões dos arranjos familiares nos dias atuais, para que o seu fazer pedagógico se torne eficiente.⁵

Este artigo, através da revisão bibliográfica, fará uma reflexão a respeito dos reflexos do crescimento das novas configurações familiares no processo educativo. Sobre famílias que passaram por um processo de divórcio, a obra de Wallerstein, Lewis e Blakeslee será a principal referência.⁶ Os reflexos das novas configurações na educação familiar serão avaliados principalmente à luz da obra de Gary Collins⁷ e Içami Tiba.⁸ Outros teóricos

² Para uma conceituação mais aprofundada, ver ACKERMAN, N. W. *Diagnóstico e Tratamiento de las Relaciones Familiares*. Buenos Aires: Hormé, 1974.

³ BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record, 1993. p. 84.

⁴ FARIAS, Cristiano Chaves; ROSENVALD, Nelson. *Direito das famílias*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011.

⁵ CHAVES, A. M. et al. Representação social de mães acerca da família. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. vol 12, 2002. p. 1-8.

⁶ WALLERSTAIN, Judith; LEWIS, Julia; BLAKESLEE, Sandra. *Filhos do Divórcio*. São Paulo: Loyola, 2002.

⁷ COLLINS, Gary. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

⁸ TIBA, Içami. *Quem ama, educa!* São Paulo : Integrare Editora, 2007. p. 65.

também servirão de parâmetro para a comparação e avaliação de conceitos. Os dados estatísticos a respeito das famílias brasileiras serão extraídos do censo demográfico de 2010, do IBGE.⁹

O divórcio, a família monoparental e a união de famílias

O Brasil registra um aumento no índice de divórcios. De acordo com dados do IBGE (2010), o número de divorciados passou de 1,7% da população para 3,1%. O número de casados caiu de 37% para 34,8%.¹⁰ O processo de divórcio pode envolver situações não éticas, por exemplo, constantes brigas, discussões, que muitas vezes terminam em maus tratos, problemas de alcoolismo ou drogas, e situações em que o exemplo dos pais não sejam adequados. Mesmo a vida após o divórcio pode continuar revelando situações que comprometem a qualidade da educação dos filhos.

Segundo Wallestein, Lewis e Bakerslee, “para as crianças, o divórcio é um divisor de águas que altera suas vidas de forma permanente”.¹¹ É fato que após o divórcio a rotina da família muda completamente, alterando a forma como as crianças veem o mundo e principalmente a forma como elas percebem as relações humanas. Elas passam a enxergar crises, notar que pessoas podem sofrer, e que o mundo não é tão seguro como elas pensavam.

A forma como as crianças são afetadas nas separações dos casais estão relacionadas à forma como isso é lidado no processo de separação ou de divórcio. Os pais que terminam seu casamento em um grau de maturidade e de forma saudável podem reduzir os efeitos negativos do divórcio sobre os seus filhos. Porém é indiscutível que o divórcio altera e afeta a visão de mundo dos filhos.

Alguns pontos precisam ser salientados neste processo: Nem sempre as crianças conseguem compreender que não foram elas que provocaram a separação, isso gera uma culpa que pode acompanhar a criança por toda a vida. Neste sentido é necessário explicar às crianças as razões para a separação, usando o senso comum como um guia e sem usar mentiras.

⁹ IBGE, 2012.

¹⁰ IBGE, 2012.

¹¹ WALLERSTAIN; LEWIS; BLAKESLEE, 2002, p. 66.

Pesquisas com crianças que crescem em lares desfeitos revelam que elas tendem a ser mais agressivas com seus pais e com professores, sofrem com mais frequência de depressão, apresentam mais dificuldades no aprendizado e alguns mostram comportamento sexual precoce.¹²

Após superar um divórcio, algumas crianças enfrentam uma nova dificuldade: a união de seu pai ou sua mãe com outra pessoa. A partir desse momento a esperança de que um dia os pais voltem a viver juntos acaba e as crianças precisam lidar com essa realidade. Conforme explicam Wallerstain, Lewis e Blakeslee: “Mãe e pai juntos representam a sensação interior de inteireza, que a criança está perdendo por causa do divórcio, mas a chegada do padrasto é a declaração poderosa de que o divórcio veio pra ficar”.¹³

O que percebemos neste caso é que a honestidade dos pais com os filhos faz uma incrível diferença na forma como as crianças lidam com este novo desafio. As crianças são muito mais perspicazes do que a maior parte dos adultos imagina, esconder-lhes uma relação amorosa não será a atitude emocionalmente inteligente.

Outro problema que acaba por minar a autoestima das crianças é o que Içami Tiba expõe aqui:

O pai divorciado que sempre dá razão à nova namorada em qualquer desavença com os filhos sem ao menos procurar saber as causas, pode estar atuando como o animal macho protetor da fêmea: agride qualquer um que a importune mesmo os próprios filhotes.¹⁴

É fato que a forma como uma família se desconstrói e se reconstrói influencia a forma como as crianças lidam com as pessoas a sua volta e como ela lida com seus sentimentos e visão de mundo. Em todo caso, se a criança está vivendo situações não éticas, será mais benéfico para ela que seus pais se separem. No entanto, filhos que passaram por divórcios turbulentos levam marcas profundas. Conforme Wallerstain, Lewis e Blakeslee: “Os filhos do divórcio têm dificuldades com o conflito, porque cresceram em lares onde as discussões maiores não eram resolvidas [...]. O conflito evoca recordações dolorosas e sentimentos de terror [...]”.¹⁵

¹² WALLERSTAIN; LEWIS; BLAKESLEE, 2002, p. 25.

¹³ WALLERSTAIN; LEWIS; BLAKESLEE, 2002, p. 289.

¹⁴ TIBA, 2007, p. 65.

¹⁵ WALLERSTAIN; LEWIS; BLAKESLEE, 2002, p. 95.

Outra dinâmica familiar que tem se tornado comum é a família monoparental, que é aquela em que um dos pais vive com o seu filho ou filha sem manter relacionamento afetivo com o outro, ou, ainda que tenha um relacionamento, não recebe qualquer auxílio para educação desse filho.

Muitas mães e pais solteiros, por excesso de zelo, superproteção, ou apenas como compensação pela ausência causada pelo excesso de trabalho, permitem que seus filhos decidam se querem ir à escola, se querem fazer as tarefas ou ler os livros indicados pelos professores. Assim, esquecem que a educação daquela criança é um dever assegurado por lei, conforme comprova Coelho: “Investido na função de tutela, o tutor passa a ter responsabilidades em relação à pessoa e ao patrimônio do menor. Em relação à pessoa do menor [...], incumbe-lhe dirigir a educação [...]”.¹⁶

Desta forma, as famílias formadas por "mães solteiras" ou "pais solteiros" precisam saber que não existe diferença alguma entre as famílias constituídas pelo casamento perante a lei. Essas famílias possuem todos os direitos, mas também todos os deveres assegurados pela Constituição. E dar toda essa liberdade, sem que as crianças tenham contato com uma figura de autoridade, mostra-se prejudicial para a criança enquanto aluno, pois a relação aluno/professor fica comprometida, já que no imaginário dessas crianças, elas possuem liberdade para fazer o que querem no momento que decidirem.

Esse tipo de relação pais/filhos, sem uma figura que lhes norteie, causa uma transferência de autoridade, em muitos casos, como pondera Estrada:

Como consequência, tanto a má orientação dos pais, quanto dos filhos, ocasionou uma transferência de autoridade. Alguns pais, temerosos de causar danos à personalidade do filho, procuraram não contrariar em nada sua liberdade e seus desejos. Desse modo, eliminaram todo o limite, e jogaram na lata do lixo todo o princípio de disciplina.¹⁷

Estas famílias, em sua maioria, são dirigidas por mulheres.¹⁸ Isto pode ser um fator que aumenta a centralidade da relação mãe-filho e a dependência desse relacionamento, já que a mulher tornou-se a provedora. Antes, as mães já estavam profundamente ligadas aos

¹⁶ COELHO, Fábio Ulhoa. *Curso de direito civil: família, sucessões*. Vol 5. São Paulo: Saraiva, 2012.

¹⁷ ESTRADA, Antônio. *Família, uma sociedade que pode dar certo*. Tatuí: Casa Editora Brasileira, 2003. p. 22.

¹⁸ Sobre isso, ver SANTOS, Jonabio B. dos; SANTOS, Morgana S. da Costa. Família monoparental brasileira. *Revista Jurídica*. v. 10, n. 92, p.01-30. Brasília, out./2008 a jan./2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/revistajuridica/Artigos/PDF/JonabioBarbosa_Rev92.pdf>. Acesso em 23 jul. 2015.

filhos, pois somente elas eram responsáveis pelos cuidados e afetos. Hoje, somada a estas funções está a tarefa de contribuir para o sustento do lar, ou mesmo de ser a única responsável por esse sustento. Isso acontece principalmente nas famílias monoparentais, mas também em casos onde o homem está desempregado, ou é alcoólatra, por exemplo.

As mulheres, na sociedade atual, desempenham inúmeras funções na família e tornam-se peças-chave para sua organização e manutenção um pouco mais do que no passado, mostrando sua extrema importância como define Tiba: “A mulher mantém mais a estrutura familiar que o homem. Portanto, uma família sem mãe sofre muito mais o risco de desagregação, de cada um ir para o seu canto, que uma família sem pai”.¹⁹

O pai ainda tem um papel importante como mestre de seus filhos. Ele faz mais treinamento direto e estimulação cognitiva, e, de acordo com Estrada:

A falta de envolvimento do pai na formação dos filhos afeta definitivamente o desenvolvimento social, a vida acadêmica, afetiva e a conduta das crianças para o resto de sua vida. Virginia Pasley relata em seu livro *21 Desertores*, que dos vinte e um soldados americanos que desertaram para o lado comunista durante a Guerra da Coreia, dezenove deles sentiam-se mal-amados, rejeitados e incompreendidos por seus pais.²⁰

Existem ainda relacionamentos onde duas pessoas que já possuem filhos de relacionamentos anteriores se unem em uma nova configuração familiar. Essa união poderá gerar conflitos, pois tanto a nova esposa ou marido, quanto os filhos lutarão pelo amor e pelo controle da situação, gerando um clima de disputa, que pode por fim, confundir a visão que as crianças têm de si mesmas, enquanto filhos. Este clima gera insegurança especialmente nas crianças em pleno desenvolvimento.

A dinâmica familiar e a influência na vida escolar

Diante do exposto, podemos perceber que a família influencia no rendimento escolar, principalmente quanto ao apoio recebido dos pais e responsáveis em seu ambiente familiar, segundo Collins:

A instabilidade no lar pode gerar vários problemas de comportamento nas crianças. Notas baixas, brigas com os colegas e delitos menores podem ser um grito de socorro que indica problemas em casa. [...] embora existam crianças que

¹⁹ TIBA, 2007, p. 38.

²⁰ ESTRADA, 2003, p. 34.

sobrevivam ao estresse familiar e se tornem adultos normais, bem sucedidos e bem ajustados, é correto afirmar que lares instáveis tendem a produzir filhos instáveis.²¹

Existe um conflito não apenas social, quanto ao que se espera de uma família. Há também um conflito interno. A expectativa dos pais ou responsáveis em relação à criança, quanto ao seu desempenho escolar e as necessidades dessa criança, para que de fato, esse sucesso aconteça.

De acordo com Tiba, para que a criança se sinta amada e obtenha sucesso em suas realizações, é necessário, acima de tudo, que seja respeitada: “Respeitar os filhos significa: Dar espaço para que tenham seus próprios sentimentos, sem por isso ser julgados ajudando a expressá-los de maneira socialmente aceitável”.²²

Algumas crianças, mesmo morando em um lar com uma estrutura completamente diferente do que a sociedade espera, têm um excelente desempenho escolar e um bom relacionamento com colegas e professores, pelo fato de terem liberdade de expressão em casa e auxílio na compreensão de seus sentimentos frente às dificuldades apresentadas na escola ou em sua vida social e familiar.

Segundo Tiba, é preciso “aceitar as crianças como são, mesmo que não correspondam às expectativas dos pais”.²³ Deve-se permitir que elas tenham “os próprios sonhos, pois não nasceram para realizar os dos pais”.²⁴

Nesse processo de aceitação da própria personalidade, da descoberta de suas habilidades, a autoestima se mostra o ponto central, o ponto chave para o pleno desenvolvimento das faculdades intelectuais. E a família tem uma responsabilidade no desenvolvimento da autoestima da criança. Quando o apoio familiar falha, seja por motivos que fogem ao controle dos pais, ou por motivos promovidos pelos pais, como num processo de separação, a criança se encontra sem apoio e acontece uma quebra no processo de desenvolvimento.

Quando toda a família está focada no próprio dilema familiar, falta o incentivo escolar às crianças dessa família, a perspectiva de vida dessas crianças, bem como seu futuro, passa para um segundo plano, ficando comprometido, uma vez que o presente é muito importante, pois há um grande conflito a ser resolvido. Uma família em crise tem

²¹ COLLINS, 2004, p. 177.

²² TIBA, 2007, p. 54.

²³ TIBA, 2007, p. 54.

²⁴ TIBA, 2007, p. 54.

dificuldades de assumir o compromisso da educação de uma criança. O aluno chega à escola sem estímulo intelectual e social.

O envolvimento ou participação dos pais na educação dos filhos sempre se faz presente nas discussões pedagógicas no que se refere ao fracasso ou sucesso escolar. A família é, frequentemente, o centro da problemática da aprendizagem ou, pelo menos, uma parte importante dessa problemática. Há interdependência e influência recíproca entre as duas instituições: família e escola. E as transformações pelas quais passam as estruturas da sociedade afetam essa relação.

As crianças só olharão para a escola com a devida importância se seus pais lhes mostrarem essa importância. Enquanto existe conflito familiar, rompimento de laços, o que estará em evidência será apenas os relacionamentos interpessoais e as crianças não conseguirão notar a importância do crescimento pessoal. Segundo Estrada:

Infelizmente, os pais de hoje, em muitas situações, não tem tido tempo para os filhos. Em um estudo recente, realizado pela UNAM [Universidad Nacional Autónoma do México], pode se verificar que mais de 60% das crianças não brincam habitualmente com seus pais porque estes dizem que não tem tempo. Não é que não queiram passar este tempo com os filhos, mas exatamente por quererem muito, passam longo tempo trabalhando. Querem atender de maneira muito responsável a necessidades físicas de seus filhos, mas não encontram tempo para atender a necessidades emocionais.²⁵

O fato de a estrutura familiar ser diferente em alguns casos, não diminui a expectativa dos alunos em relação a esse apoio familiar. Nesse clima familiar, é certo que as crianças chegarão à escola confusas, preocupadas, e terão dificuldades de concentração e interação, seja pelo esgotamento físico, mental ou emocional. Nesse ponto o professor necessita de um grande apoio da instituição para lidar com esses alunos e é de extrema importância a tentativa de uma parceria escola/família para que o quanto antes, o rumo da história desses alunos seja mudado.

Considerações Finais

Podemos salientar a importância de alguns pontos em relação à família/escola/sociedade. Independente do modelo que a família tenha, sempre existe o espaço onde a criança encontrará afetividade, carinho, atenção e segurança ou preconceitos, pressão ou até violência. Portanto, é fundamental que o professor conheça os

²⁵ ESTRADA, 2003, p. 42.

alunos e as famílias com as quais estão lidando para que tenham uma visão real do educando que está em suas mãos. Deixando de lado julgamentos precipitados incorporando o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido.

Outro ponto essencial é a consciência de que a sociedade espera muito da escola e em contrapartida a escola sempre espera algo das famílias envolvidas neste processo educativo. Saber lidar com essas expectativas, construir algo coletivamente, desenvolvendo um bom diálogo entre família/escola/sociedade, onde todas as partes envolvidas tenham espaço e oportunidade para uma efetiva troca de saberes. Este processo exige dedicação, cuidado e principalmente compreensão, querer ouvir e desejar essa troca. O foco deve ser a criança, o progresso e o sucesso do educando.

Qualquer que seja a estrutura da família, ela pode contribuir para o crescimento e evolução da criança, exigindo responsabilidade, impondo limites claros, exigindo o cumprimento das atividades, criando horários de estudos em casa e valorizando atitudes de estudos dos filhos.

O acompanhamento escolar feito pela família pode produzir um gosto que refletirá no sucesso escolar e como resultado desse sucesso, se abrirá um horizonte de fuga às exclusões e dificuldades que podem surgir pela falta de um pai ou mãe. O carinho e a atenção cedidos pela família ao educando aciona um mecanismo de disposições que proporcionará a diminuição e possível eliminação de todas as situações que impeçam ou atrapalhem o desenvolvimento escolar.

Referências

ACKERMAN, N. W. *Diagnóstico e Tratamiento de las Relaciones Familiares*. Buenos Aires: Hormé, 1974.

BUSCAGLIA, Leo. *Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CHAVES, A. M. et al. Representação social de mães acerca da família. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. vol 12, 2002.

COELHO, Fábio Ulhoa. *Curso de direito civil: família, sucessões*. Vol 5. São Paulo: Saraiva, 2012.

COLLINS, Gary. *Aconselhamento cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

ESTRADA, Antônio. *Família, uma sociedade que pode dar certo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

FARIAS, Cristiano Chaves; ROSENVALD, Nelson. *Direito das Famílias*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011

IBGE. *Censo demográfico de 2010*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010435610212012563616217748.pdf>

SANTOS, Jonabio B. dos; SANTOS, Morgana S. da Costa. Família monoparental brasileira. *Revista Jurídica*. Vol. 10, n. 92, p.01-30. Brasília, out./2008 a jan./2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/revistajuridica/Artigos/PDF/JonabioBarbosa_Rev92.pdf >. Acesso em 23 jul 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2011.

TIBA, Içami. *Quem ama, educa!* São Paulo: Integrare Editora, 2007.

WALLERSTAIN, Judith; LEWIS, Julia; BLAKESLEE, Sandra. *Filhos do Divórcio*. São Paulo: Loyola, 2002.